

QUESTIONAMENTOS AO POETA: UM ESTUDO DE "POEMAS AOS HOMENS DO NOSSO TEMPO" DE HILDA HILST

Malane Apolonio da Silva (UEFS)
Rosana Maria Ribeiro Patrício (UEFS)

RESUMO

O estudo da criação poética é fonte inspiradora dos questionamentos entrelaçados a escrita de Hilda Hilst, poeta, ficcionista e dramaturga contemporânea, e neste artigo será especificamente analisada a partir de alguns dos poemas que compõem o terceiro capítulo *Poemas aos Homens do Nosso Tempo*, publicado em 1974 no livro *Júbilo Memória Noviciado da Paixão*, com um escrita preocupada com o poeta contemporâneo e sua missão, desde uma nova postura do ser poeta, a construção dos poemas e seus novos rumos. O primeiro tópico desse artigo objetiva construir possíveis considerações sobre o exercício da poética de Hilda Hilst a partir de seus poemas, para que o leitor perceba a construção artesanal dessa palavra. No segundo tópico trataremos do poeta imerso no compromisso da poesia na contemporaneidade. A estrutura metodológica bibliográfica dessa pesquisa contempla questionamentos e conceituações apresentadas por Octavio Paz (2012) Jorge Luiz Borges (2000) dentre outros críticos que estarão imersos na estrutura dialógica de estudo da poética de Hilda Hilst.

Palavras-chave: Poema. Hilda Hilst. Poesia. Tessitura.

Introdução

As considerações a serem propostas neste artigo dialogam com quatro poemas da obra poética *Júbilo, Memória e Noviciado da Paixão* (1974). A partir do eu - lírico de Hilda Hilst contemplaremos no capítulo intitulado *Poemas aos Homens do Nosso Tempo* a volta de Hilda Hilst a produção poética depois de um longo período dedicado a sua estreia na ficção e é através dessa nova experiência de escrita que surge um certo amadurecimento com toda a sua produção poética.

O capítulo do livro ao qual nos debruçaremos é composto por dezessete poemas, entretanto, analisaremos os quatro primeiros poemas em que a escritora oferece homenagens a várias personalidades da Literatura, haja vista, estar imersa no período de regime militar brasileiro em momento de maior censura aos intelectuais.

O primeiro tópico desse artigo objetiva construir possíveis considerações sobre o exercício da poética de Hilda Hilst, enfatizando a construção artesanal dessa palavra. E no segundo tópico trataremos de uma apresentação do estilo poético de Hilda Hilst na poesia contemporânea.

Reflexões: A Poesia e a Poeta

A palavra por vezes alienada, está em meio a uma utópica construção dos desejos simbólicos sociais, mergulhada em uma construção significativa ao senso comum e assim imiscuída na corrente do discurso do poder. Para tanto, na análise ao poema de Hilda Hilst o poeta é compreendido como artesão dessa palavra, recompondo-a sob a abertura da imaginação.

Para melhor compreender a que se insere o emaranhado de significações dados a uma mesma palavra, Octavio Paz afirma em *O Arco e a Lira* (2012):

Quando a palavra é um instrumento de pensamento abstrato, o significado devora tudo: o ouvinte e o prazer verbal. Veículo de intercâmbio, ela se degrada. Nos três casos, se reduz e se especializa. E a causa dessa comum mutilação é que a linguagem se torna para nós utensílio, instrumento, coisa. Toda vez que nos servimos das palavras nós as mutilamos. Mas o poeta não se serve da palavra. É um servo delas. (PAZ, 2012, p.55)

A proposta de mutilar, enfatizada por Paz, considera a palavra em suas várias possibilidades de interpretação, disposta a agarrar-se a uma perspectiva múltipla, fragmentária, artifício pretencioso que comanda a voz latente, ou melhor, os vários estilos a serem desempenhados pelo poeta, invariavelmente como uma fonte inesgotável de modulações.

O poema de Hilda Hilst em análise, inicia-se com um celebre convite a refletir a missão de pensar o mundo, e ainda pede uma certa atenção ao que antes eram os filtros da palavra na garganta do povo, assim interpretamos no poema I do capítulo em análise:

I

Senhoras e senhores, olhai-nos.
Repensamos a tarefa de pensar o mundo.
E quando a noite vem
Vem a contrafacção dos nossos rostos
Rosto perigoso, rosto-pensamento

Sobre os vossos atos

A muitos os poetas lembrariam

Que o homem não é para ser engolido

Por vossas gargantas mentirosas

E sempre um ou dois dos vossos engolidos

Deixarão suas heranças, suas memórias (HILST, 2001, p.105)

O eu-lírico diz “Senhoras e Senhores olhai-nos” (Hilst, 2001, p.105), mas a quem é sugere esse olhar, se não ao homem, este ser do nosso tempo, do agora. O segundo verso acrescenta uma novidade: “Repensamos a tarefa de pensar o mundo” (HILST, 2001, p.105). Os versos inquietam os seus leitores, tamanha a certeza do eu-lírico em dar uma nova oportunidade ao homem, assim os poetas decidem repensar o mundo novamente, uma missão por vezes deslocada, pois ao artesão da palavra e refletor das dores do povo, guardião da memória coletiva desde a era clássica tornou-se um perigo em sua própria voz poética. Para tanto, estes descobrem que no poeta, surge uma figura que opera sobre sua existência, e que destina-se ao papel do leitor, ao qual dispõe de toda a vivacidade da poesia e serve de combustível propulsor para o exercício do poema.

Mas o que seria o poema? produção para o povo, porta-voz de reflexão das insatisfações ou satisfação desbravadas numa organização versificada? Talvez devemos apenas saber que a este poema não há um molde, pois como afirma Octavio Paz:

Cada poema é um objeto único, criado por uma “técnica” que morre no momento exato da criação. A chamada “técnica poética” não é transmissível por que não é composta de receitas e sim de invenções que só servem ao seu criador. (PAZ, 2012, p.25)

Assim como salienta Paz em citação anterior a poesia não está na métrica, na composição dos versos e sim na condição que compete ao tocar o outro em sua profunda consciência, especificamente em estado poético com o instante que no eu lírico de Hilda Hilst remontam um emaranhado corpo poético no auge da censura.

Estar em estado poético faz do leitor um desertor de momentos com as quais cita o eu-lírico: “A muito os poetas lembrariam/ que os homens não eram para serem engolidos/ por vossas gargantas mentirosas/” (HILST, 2001, p.105). É sugestiva a construção crítica de Hilst quando se constroem palavras de insatisfação política.

Mas neste ser poeta, há um ponto a salientar atrelado as palavras de Hilst que promovem um compromisso ético que se reflete no compromisso com a contemporaneidade:

I

Cantando amor, os poetas na noite
Repensam a tarefa de pensar o mundo.
E podeis crer que há muito mais vigor
No lirismo aparente
No amante Fazedor da palavra
Do que na mão que esmaga.

A ideia é ambiciosa e santa.
E o amor dos poetas pelos homens
É mais vasto
Do que a voracidade que vos move.
E mais forte há de ser
Quanto mais parco
Aos vossos olhos possa parecer. (HILST, 2001, 106)

Ao poeta contemporâneo, Hilst acrescenta na voz de seu eu-lírico, ser completamente apaixonado pela humanidade, assim afirma em verso supracitado, mesmo sendo indesejado, posto a margem das categorias tidas enquanto sérias da sociedade idealizada: /O amor do poeta pelos homens é mais vasto/ (HILST, 2001, 106).

O “amante fazedor da palavra”, poderia atender ao ideal de Borges (2000, p.49), pois quem tece as palavras em demasiada aparência, esconde uma voracidade maior, o poeta contempla a força e o dom da imaginação ao seu favor, e ainda sendo desfavorável aos critérios idealizados por assertivas subjetivas que compõe uma sociedade injusta há uma imensidão de possibilidade de tocar o leitor, através da flexibilidade com que o servo da palavra às domina.

Mas então, o que a sociedade do progresso suporta ouvir do poeta, e o que o poeta deve dizer a ela? Assim nos mostra o poema II:

Amada vida, minha morte demora.
Dizer que coisa ao homem,
Propor uma viagem? Reis, ministros
E todos vós, políticos,
Que palavra
Além de ouro e treva
Fica em vossos ouvidos?
Além de vossa rapacidade
O que sabeis
Da alma dos homens?
Ouro, conquista, lucro, logro
E os nossos ossos
E o sangue das gentes
E a vida dos homens

Entre os vossos dentes. (HILST, 2001, 107)

As escolhas categóricas excludentes do mundo clássico ainda se façam presentes na então era contemporânea, sempre a calar vozes, taxar posturas, criar modelos, enaltecer uns poucos poetas e dizimar outros ao anonimato e esquecimento, então o poeta desce do pilar dos bem-aventurados.

A voz destes que proclamam os ardores ou o acordar de uma coletividade, tornam-se a base da tessitura poética do eu-lírico em Hilda Hilst, assim afirma uma inexorável profecia no poema III:

Sobre o vosso jazigo
– Homem político –
Nem compaixão, nem flores.
Apenas o escuro grito
Dos homens.
Sobre os vossos filhos
– Homem político –
A desventura
Do vosso nome.
E enquanto estiverdes
À frente da Pátria
Sobre nós, a mordaza.
E sobre as vossas vidas
– Homem político –
Inexoravelmente, nossa morte. (HILST, 2001, 108)

No paradoxo do verso acima, somos apresentadas as duas possíveis mortes: a do poeta ou a morte do homem Político. Segundo o eu – lírico, só será possível dar voz ao poeta quando o homem político estiver em desventura, distante das forças que empurram a pátria para um desfiladeiro de silêncio, merecimentos e escuridão.

Acreditar na capacidade de criar conflitos contra o poder vigente, não se trata de um posicionamento novo, pois a poeta Hilda Hilst a palavra é tessitura maleável, artesã dos agoiros das noites na Casa do Sol a escrever o que vem a ser um poema dedicado a imagem do homem contemporâneo.

Hilda Hilst e a Poesia Contemporânea

Questionar a solidão do poeta, propõe ao leitor invariavelmente um regresso as várias discussões e posicionamentos que fizeram do poeta um ser fora das categorias que conferem o ideal entre ordens, lucro e progresso. Dessa maneira a poeta Hilda Hilst, apresenta-se como uma das escritoras que vivenciaram o período ditatória do Brasil, na condição de poeta.

Desde as considerações feitas por Platão em *A República* (2000), o lugar do poeta não garantia segurança ao discurso da sociedade prática, e ainda acreditando na possível construção de categorias que ao poeta seriam facilmente burladas de acordo a sua competência na produção de reflexões.

Cria-se uma corrente de amarras sócias que competem a uma política de pertencer ou não pertencer como afirma o escritor Aleilton Fonseca em ensaio *O Poeta na Metrópole: Expulsão e Deslocamento*: “Esta maneira de encarar a figura do poeta, como ocupando uma posição de relativa pertença ou não pertença à engrenagem central da sociedade, está presente desde a cultura clássica.” (FONSECA, 2000, p.43)

Salienta-se que desde Platão, e as novas perspectivas defendidas na contemporaneidade, aqui lembradas através da interpretação feita ao texto de Aleilton Fonseca, fornecem subsídios para compreender a engrenagem da sociedade desde o período clássico, movida por interesses aos quais o poeta não pertence, haja vista ser sua lírica uma fonte maior de questionamento e construção de opiniões contrárias ao que defende o poder político vigente ideal.

Para melhor compreender as ramificações que conferem ao poeta, Hilda Hilst proclama a dor de seus poetas e ainda acrescenta serem estes lembrados apenas por quem consegue estar em estado poética, para compreender as intermitências de um poeta em um espaço de deslocamento social e esquecimento das potencialidades de sua poesia no poema IV:

Companheiro, morto desassombrado, rosácea ensolarada
Quem senão eu, te cantará primeiro. Quem, senão eu
Pontilhada de chagas, eu que tanto te amei, eu
Que bebi na tua boca a fúria de umas águas
Eu, que mastiguei tuas conquistas e que depois chorei
Porque dizias: “amor de mis entrañas, viva muerte”.
Ah, se soubesses como ficou difícil a Poesia.
Triste garganta o nosso tempo, triste triste.
E mais um tempo, nem será lícito ao poeta ter memória
E cantar de repente: “os arados van e vên
dende a Santiago a Belén”.(HILST, 2001, p.109)

Notamos um deslocamento, uma mudança temporal em que o eu-lírico oscila entre passado histórico, presente poético e futuro profético, especificamente nos versos três, quatro, cinco, nesta ordem. O poeta parece estar atento a todas as desventuras de uma cultura em reorganização, que indiscretamente vão cobrindo a poesia com um manto da não pertença, ou melhor, deslocamento.

Segundo Nízia Villaça, em *Paradoxos do Pós-Moderno*, o termo pós-modernidade que dá título ao nosso tópico desse artigo, contempla sua condição ainda contraditória e nebulosa para muitos:

Vive-se o paradoxo, a complexidade num momento de reciclagens, hibridismos, convivência com a diferença, quando se rediscutem os espaços, os tempos, a história, a subjetividade com a preocupação genealógica do que não é nem dado, nem natural, mas construído, como sublinha Foucault. (VILLAÇA,1996, p.29)

Ao pensarmos na palavra reciclagens, compreendemos que o termo “pós”, está imerso em uma postura de interpretar, revisar e questionar a modernidade em voga intitulado este ato de pós-modernidade. Assim busca-se reconstruir, repensar a nova sociedade, assim também o fez o poeta, como afirma o eu-lírico de Hilda Hilst, conciliando solidão e poesia, para cantar as vertentes do povo, a serviço da existência do povo, e não funcionário do povo e sim da palavra.

O poema que finaliza nossas análises, faz uma reflexão que dialoga com as colocações de Nízia Villaça sobre o futuro da pós-modernidade, pois notamos no final do poema IV, uma reflexão sobre o luto da morte aos poetas, uma morte simbólica, para o eu-lírico mas assertivas nas profusões futuras em que a solidão antes fonte de criação poética, instante maior, torna-se uma solidão geral em que o poeta não será vista, e muito menos lembrado, assim contemplamos no poema:

Os cardos, companheiro, a aspereza, o luto
A tua morte outra vez, a nossa morte, assim o mundo:
Deglutindo a palavra cada vez e cada vez mais fundo.
Que dor de te saber tão morto. Alguns dirão:
Mas está vivo, não vês? Está vivo! Se todos o celebram
Se tu cantas! estás morto. Sabes por quê?
“El pasado se pone
su coraza de hierro
y tapa sus oídos
con algodón del viento.
Nunca podrá arrancársele
un secreto.”
E o futuro é de sangue, de aço, de vaidade. E vermelhos
Azuis, brancos e amarelos hão de gritar: morte aos poetas!
Morte a todos aqueles de lúcidas artérias, tatuados
De infância, o plexo aberto, exposto aos lobos. Irmão.
Companheiro. Que dor de te saber tão morto. (HILST, 2001, p.113)

Hilst, dá ao eu-lírico, o luto de toda uma sociedade de poetas mortos, e aos vivos um luto, que só se sabe na mente dos que conseguem chegar a um estado poético, pois vida seria a poesia que sai da boca do poeta, e a este torna-se apenas um ser comum,

estrutura humana ainda viva, mas não contemplada por sua voz, agora invalida, pois a sociedade ganha outros parâmetros que só reconfiguraram o projeto inicial de expulsão na era clássica.

Octávio Paz, reflete sobre a criação poética, e a palavra na boca do poeta:

Quando um poeta encontra sua palavra, logo as reconhece: já estava nele. E ele já estava nela. No momento da criação, aflora à consciência a parte mais secreta de nós mesmos. A criação consiste em trazer à luz certas palavras inseparáveis ao nosso ser. (PAZ, 2012, p.53)

Assim compreendemos os eufemismos, metonímias e hipérboles, dentre tantos artifícios da linguagem, utilizado na estética da escrita nos poemas de Hilda Hilst, aqui contemplados por um eu-lírico, que começa a compartilhar com o leitor os segredos da palavra poética, única, na voz de quem a emerge ao público e por vezes solitária, em meio a nova metrópole da poesia moderna ou ainda repensada quando acreditamos estarmos na pós- modernidade, todavia, sobre a certeza de um eu-lírico a frente de seu tempo, contemporâneo.

Considerações

Hilda Hilst inicia sua escrita no período da literatura moderna e escreve até o que conhecemos por pós-moderno. Passeou por fases importantes do período em que o poeta sentiu-se perdido na multidão, por muito tempo deslocado, figura indesejada e inoperante aos parâmetros utópicos da sociedade ideal do progresso econômico.

Percebemos uma poética que não irá amarrar-se em categorias estipuladas ao gênero literário enquanto estética, pois seus poemas em muito dialogam com a prosa ou ainda faz lembrar seus textos da dramaturgia, assim afirma Hilst: “É verdade, eu acho que sim. Toda a minha ficção é poesia. No teatro, em tudo, é sempre o texto poético, sempre.” (HILST, 1999, p.39)

A poesia antes imiscuída na cultura oral dos chamados artistas da memória coletiva, artesãos da palavra, e ainda do culto as experiências amorosas e mitológicas, tornaram-se dispensáveis as novas necessidades da contemporaneidade.

Ao poeta ainda imerso na sociedade do consumo restavam apenas exílio ou censura, como ocorreram a muitos personalidades da literatura. A poesia existe na voz do poeta e sua palavra é livre, une todos os estilos do povo e transforma em matéria

prima para desbravar o instante e ver para além dos olhos coagidos a uma hospitalidade maior com a hipocrisia de um regime político vigente.

Referências

BORGES, Jorge Luís. **Esse Ofício do Verso**: Companhia das Letras, 2000.

FONSECA, Aleilton. *O poeta na metrópole: “expulsão” e deslocamento*. In: FONSECA, Aleilton & PEREIRA, Rubens Alves (Orgs.). **Rotas e imagens: literatura e outras viagens**. UEFS: Feira de Santana, 2000. p. 43-55.

HILST, Hilda. **Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão**. São Paulo: Globo, 2001.

VILLAÇA, Nízia. **Paradoxos do Pós-Moderno**. Sujeito e Ficção. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PLATÃO. **A república**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da UFPA, 2000.